

**DOCE MAL
PERMANENTE**

**LEONARDO
MARONA**

**DOCE MAL
PERMANENTE**

© Leonardo Marona, 2023

Edição

Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

Ilustrações

Julia Linda

Capa e projeto gráfico

Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marona, Leonardo

Doce mal permanente / Leonardo Marona – 1. ed. –
Curitiba, PR: Telaranha, 2023.

ISBN 978-65-997172-7-7

1. Poesia brasileira I. Título.

CDD-B869.8

22-132433

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Tábata Alves da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9253

este livro é dedicado a todas as guardas vermelhas do planeta

Direitos reservados à

TELARANHA EDIÇÕES

Rua Desembargador Westphalen, 15 – Cj. 1701

Centro – Curitiba/PR – 80010-110

41 3246-9525 | contato@telaranha.com.br

www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil

Feito o depósito legal

1ª edição

2023

¿Y qué fue lo que aprendieron los alumnos de Amalfitano? Aprendieron a recitar en voz alta. Memorizaron los dos o tres poemas que más amaban para recordarlos y recitarlos en los momentos oportunos: funerales, bodas, soledades. Comprendieron que un libro era un laberinto y un desierto. Que lo más importante del mundo era leer y viajar, tal vez la misma cosa, sin detenerse nunca. Que al cabo de las lecturas los escritores salían del alma de las piedras, que era donde vivían después de muertos, y se instalaban en el alma de los lectores como en una prisión mullida, pero que después esa prisión se ensanchaba o explotaba. Que todo sistema de escritura es una traición. Que la poesía verdadera vive entre el abismo y la desdicha y que cerca de su casa pasa el camino real de los actos gratuitos, de la elegancia de los ojos y de la suerte de Marcabré. Que la principal enseñanza de la literatura era la valentía, una valentía rara, como un pozo de piedra en medio de un paisaje lacustre, una valentía semejante a un torbellino y a un espejo. Que no era más cómodo leer que escribir. Que leyendo se aprendía a dudar y a recordar. Que la memoria era el amor.

— Roberto Bolaño

levar até o fim o choque
de um bloco de carne
com um bloco de deus

NOVA ROMA

não sonho e não tenho medo 15
novos romanos 17
as crianças vermelhas 18
meninos brincando na lama com um canivete 20
sempre que penso na grécia 21
poesia em tempos de crise geral 22
o coração é um tijolo 23
vida montanha no avesso da morte 24
uma aula de claudio ulpiano 25
as raízes do romantismo 27
poema para nelson freire 29
poema para joão gilberto 30
sim estamos revoltados 32
uma nobre linhagem de desgraças 33
uma pequena ração 34
nova roma 36
aula de filosofia alemã 38
do meu amor pelos surfistas 39
sexo dos deuses 40
minha amiga alemã 42
epopeia 44
kafka para baixinhos 45

UMA PRISÃO MACIA

51 um exagero bonito
53 um verão gelado
55 uma espécie de cotidiano
57 poesia
58 poema sem coelho
59 gornik
60 karen
62 sobre a eternidade
64 é preciso ter tesão
66 poema para brian eno
68 roque argentino
70 belano
71 boa viagem, velhinho
72 fazendo feira na pandemia
73 uma sopa de legumes decente
75 aqui jaz marona impudico
76 quarenta quem diria
78 pequena canção de grandes esforços
79 adeus, copacabana
81 meu pai chorou cem vezes
82 jack london meu gatilho
84 carta a uma amiga após grande perda
87 posfácio, por julia raiz

NOVA ROMA

não sonho e não tenho medo

agora já não sonho
quando vou dormir.

meu gato macho vermelho
sempre chega quando deito
na cama e faz comigo um ritual:
primeiro cheira minha axila,
depois lambe os próprios beijos
e solta um miado que pode ser
ao mesmo tempo de três tipos:
sofreguidão, êxtase, surpresa;
então penso: esse gato todo dia
se surpreende com a mesma coisa.

depois ele se aninha, apoiando
seu antigo sexo, agora emasculado
no meu braço esquerdo e ronrona;
é quando posso dormir, é como
se recebesse do gato autorização.

e desde então nunca mais
sonhei, mas é claro, tenho lido
e sei que sempre se sonha,
é como algo inevitável, apenas
não lembro dos sonhos que tive,
então é como se não sonhasse.

sempre tive pavor dos sonhos,
porque não se pode controlá-los
e são mais vivos do que a vida,
então eles sempre me deram medo.

agora me pego perguntando
se foi o gato que me roubou
os sonhos noturnos com que temia
a vida dentro da minha cabeça ruim.
sinto falta dos sonhos, não do medo.

novos romanos

ando distraindo os dentes
com promessas ansiosas
e fantasmas sorridentes
que trazem a flor murcha
do colapso inescapável.

sorrio com alguns amigos
enquanto nos damos conta
de que agora é o princípio
de uma nova decadência romana
em que tudo à nossa volta
é roma purinha: canibalismo,
façanhas presas no intestino,
italieta de pier paolo pasolini.
e que nós somos os fantasmas
da lira grega entre os homens:
a porra que não entra pelo cu,
mas que se espalha pela coxa.

as crianças vermelhas

para ana botner

gosto de me instruir com os adolescentes,
as pessoas por quem tenho mais afeto
variam entre quinze e vinte e cinco anos.

as crianças menores, que hoje são como
miniadultos, adultos anões ou bonecos,
estas desconfiam de mim porque nelas
já estão os olhos de águia do usurpador.

devo ter uma alma muito pobre para que
tantas crianças entre cinco e quinze anos
me olhem com desconfiança e até medo.

os adultos, a grande maioria, são crianças
com pés grandes e mais pelos, que sabem.
então com eles é uma guerra de sabedoria
e eu quase nunca venço uma guerra assim.

mas a minha maior devoção vai às crianças
que vivem antes da palavra, que são olhos
expressivos e comunicantes, que são bocas.

elas querem me falar o segredo do mundo,
eu sinto quando as vejo em colos veteranos
que elas querem me ajudar, que elas sabem
o que nos traz até essa tristeza tão tranquila.

é nos olhos dos bebês de colo que achamos
o coração do comunismo sem partidarismo,
por isso os pais furam os olhos das crianças.

e mesmo cegas seu ódio será a trilha da paz
no centro de um furacão hormonal de caos,
com cadernos vermelhos debaixo do braço
e a supernova usurpada na ponta da língua.

meninos brincando na lama com um canivete

para italo

não consigo tocar dentro de mim
nesse menino brincando na lama
com um canivete a quem se basta
terra fértil, sujeira cósmica, sobras
e uma lâmina sem fio com que fiar
magra chance em rinha de milicos.

tristeza que de olhos fechados divido
com os camaradas que dormem fundo
como anjos de pedra entre os adornos
no topo de um manicômio em chamas.

afugentamos a tristeza com os trapos:
nossas roupas escuras que demoramos
para lavar e usamos do avesso até o pé,
como a invenção do passo numa ponte
que vai desabando atrás de nossos pés.

é sempre tarde quando chega nossa hora,
nunca somos bem-vindos nessa vida limpa
que esconde a carne podre entre os dentes.
porque viemos só para passar este recado:
sabemos quem são vocês pelo cheiro podre
e podemos superá-los com sujeira santa.

sempre que penso na grécia

para kiddo

incêndio na ala das crianças órfãs!
tudo remonta tempos imemoriais,
a não ser pela fala pobre do poeta
– quinto na fila rumo ao olimpo –
que mesmo pobre criou os deuses.

demonstrações infantis de maldade!
exuberância original do corpo rijo,
a poesia começa com ossos frágeis,
da história ao calcanhar de aquiles.

não penso, sinto amor e sinto ódio,
por isso existo: um boneco heroico.
sou eu o milagre ao qual me agarro,
o mesmo milagre que construímos.

sem moral alguma, apenas avanço
com gargalhadas e dispêndio de fé:
criação do que jamais deformarei.

repetição dessa história eterna ideal
às margens do meu desejo raquítico.

idade dos deuses, do poema heroico,
idade dos homens, de volta à caverna.
deuses outra vez, fé no que não se vê,
providência divina: força de acúmulo
da humanidade em desespero de fim.

devolução, sexo, enterro: eterna trilogia
– canibal cartesiano após a dissecação.